

CULTURAS DO CORPO NA PANDEMIA¹

Nísia Martins do Rosário²

Resumo:

Esse texto trata das desterritorializações da linguagem do corpo no período da pandemia de covid-19 e problematiza os movimentos de ressignificações, rupturas de sentidos e transformações da cultura do corpo nos seus processos de codificação e tradução. Trazendo diálogos interdisciplinares com a semiótica da cultura, busca refletir sobre as comunicabilidades que se configuraram durante a circulação do vírus. As observações do cotidiano e os conteúdos midiáticos em fluxo nesse tempo forneceram materialidades para tal reflexão que derivou, inevitavelmente, para as políticas do corpo visibilizadas.

Palavras-Chave: Corpo. Semiótica da Cultura. Pandemia.

Abstract:

This text argues about the deterritorializations of body language in the period of the covid-19 pandemic and problematizes the movements of resignifications, ruptures of meanings and transformations of body culture in its coding and translation processes. Bringing interdisciplinary dialogues with the semiotics of culture, it seeks to reflect on the communicabilities that were configured in this period. The observations of everyday life and the media content that circulated at that time provided materialities for such a reflection that inevitably led to the politics of the body in circulation.

Keywords: Body. Semiotics of Culture. Pandemic..

1. Introdução

Questões relativas à pandemia têm sido abordadas de forma abundante na área da comunicação, contudo, esse artigo se configura em uma via cujas tratativas são mais escassas: os movimentos comunicacionais da cultura na relação com as corporalidades nesse período de SARS-CoV-2³. A pretensão é trazer ao debate e buscar compreender modos pelos quais as redes de significação sobre os corpos foram alteradas e sofreram mutações trazendo novos códigos que precisaram ser rapidamente incorporados. Por outras palavras, o objetivo é modelizar⁴ aspectos das corporalidades. Começa-se com o posicionamento sobre a noção de cultura e corpo, de modo muito sucinto, para adentrar em questões de linguagem, código,

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do 31º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz - MA. 06 a 10 de junho de 2022.

² Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação UFRGS, doutora em comunicação PUCRS, bolsista PQ1, nisiamartins@gmail.com.

³ Esse é o nome do vírus que infestou o planeta gerando uma pandemia iniciada no final de 2019.

⁴ Modelizar envolve conhecimento semiótico de competência interpretativa de várias ordens, buscando entender como se dão as relações entre diferentes sistemas de signos a partir do diálogo e do confronto, estabelecendo correlações a partir de alguns traços peculiares. (LOTMAN, 1999).

tradução e sua conexão com as manifestações culturais dos corpos em, principalmente, espacialidades e tatilidades. Por fim, a abordagem flui para configurações de políticas do corpo que se apresentaram em tempos de covid-19 e a inflexão do processo de transmutação dos sistemas semióticos do corpo.

É necessário reconhecer que a experiência da pandemia de Covid-19 é muito peculiar no que diz respeito ao modo como afeta o sistema semiótico das culturas e, por consequência, as corporalidades. A reflexão proposta toma como recorte o mundo ocidental e, sobretudo, o Brasil, lugar em que a grande maioria dos humanos vivos não tinha vivido experiências como o isolamento social, o confinamento em casa, novas formas de trabalho, alterações no processo educacional, alteração nos modos de comunicação, necessidade de redobrar cuidados com a higienização do corpo – vivências que também afetaram a maior parte do planeta. Nesse cenário, novas redes de significação foram instaladas, produzindo não apenas novos códigos, mas reorganizando as linguagens⁵ e exigindo esforços nas interpretações dos textos⁶ culturais – levando a diversas adaptações que modificaram as existências. Nesse contexto estão incluídos também os vínculos sociais e a configuração de novas subjetividades orientadas pelo medo eminente da morte e pelo avalanche de informações, fake news e posicionamentos sobre a doença. Na perspectiva comunicacional do corpo, um dos aspectos relevantes é entender os processos de uso das linguagens, as ressignificações de sentidos, as alterações de códigos e as dificuldades de traduções.

Para desenvolver a abordagem pretendida é importante, em primeiro lugar, trazer aspectos do conceito de cultura conforme é entendido pelo ponto de vista da semiótica da cultura (SC), permitindo, dessa forma, que sejam feitas as conexões com a comunicação e as linguagens. Um ponto fundante, e que consiste num dos fundamentos da cultura, é o da semiotividade, ou seja, a constituição de um complexo sistema semiótico em que se configuram variados sistemas de signos com combinações e codificações próprias, diversos níveis de organização que necessitam de regras e normas para o seu funcionamento. Para Lotman e Uspenski (In LOTMAN; USPENKI; IVANOV, 1981) a cultura é compreendida como sistema

⁵ No presente artigo o termo linguagem (no singular) é utilizado como o conceito macro, enquanto linguagens (no plural) é usado para tratar de sistemas semióticos específicos que se configuram a partir do conceito macro, como por exemplo a linguagem do corpo, a linguagem da mídia.

⁶ Texto é a unidade mínima da cultura, reúne um conjunto de signos em relação, provenientes de diversas linguagens e que configuram um todo articulado. Tem caráter de codificação, é portador de conteúdo que tem coerência comunicacional e que, portanto, é dotado de sentido. (Lotman, 2003).

de linguagens que se atualiza no texto, sendo que Lotmann (1999, 2000) complementa o conceito concebendo a cultura como memória coletiva e mecanismo pensante, sempre dinâmica, carregando alterações graduais e alterações súbitas, com variadas intensidades.

Em “Teses para uma análise semiótica da cultura” (In: MACHADO, 2001) Ivanóv, Lotman, Piatigórski, Toporóv e Uspiênski enfatizam a relação das dimensões cultural e extracultural, esferas mutuamente condicionadas e dependentes umas das outras. Nessa perspectiva, do ponto de vista interno, a cultura se constitui como um espaço de organização dos sistemas de signos e dos modos de comunicação, enquanto do ponto de vista externo (extracultural) o mecanismo da cultura é responsável por transformar desorganização em organização. Desse modo, “a cultura não somente luta contra o “caos” externo, mas dele também necessita; ela não somente o destrói, como continuamente o cria” (IVANÓV et al, In: MACHADO, 2003, p. 101) e, nessa via, a conclusão é bastante evidente: “cada tipo de cultura historicamente dado tem seu próprio, e somente a ele peculiar, tipo de não cultura” (Ibidem).

Em segundo lugar, é fundamental explicar sobre a noção de corpo que se entende pertinente para essa reflexão. Ela se funda nas corporalidades como uma dimensão com dinâmicas e complexidades próprias em que se manifestam diversos sistemas semióticos relativos ao corpo, os quais se organizam de acordo com linguagens e códigos atuantes em determinados contextos. Assim, as corporalidades compõem uma dimensão comunicacional que coloca em movimento uma pluriarticulação de elementos – físico, mente, psique, razão, alma, objetos, entre outros – permeada por tensões e distensões que adquirem significação na linguagem e é atravessada por acontecimentos, devires, desterritorializações e reterritorializações e sentidos. Entende-se que cabe às investigações sobre o corpo atentar para suas regularidades, irregularidades, continuidades, descontinuidades, previsibilidades, imprevisibilidades e multiplicidade de composições expressivas que estão em potência. Ao mesmo tempo, examinar os processos de transformação nessa dimensão, encontrando caminhos para desvendar modos de organização e codificação que vão compor os textos culturais, definindo os elementos conformadores dos recursos expressivos e ativadores dos efeitos de sentido desse domínio.

2. Desterritorializações na linguagem do corpo

Com o direcionamento sucinto das noções de cultura e corpo que servem de base para esse texto, é possível adentrar na problematização dos movimentos do corpo no período da

pandemia. Parte-se do pressuposto de que o corpo se expressa por meio da linguagem e, de acordo com Lotman e Uspenskii⁷ (In LOTMAN; USPENKII; IVANOV, 1981, p.35 e 60), ela pode ser definida como “todo sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular” cumprindo, assim, uma função semiótica e proporcionando “ao grupo social uma hipótese de comunicabilidade”. Se considerarmos, conforme os autores, a linguagem como um fenômeno em si mesmo que está agregado ao sistema da cultura, pode-se entender que ela se materializa em textos e, em consequência, tanto as regularidades quanto as imprevisibilidades dos sistemas semióticos se projetam sobre eles – os textos. Por meio destes são expressas e percebidas as comunicabilidades, as codificações, as alterações de códigos, as continuidades e descontinuidades da linguagem, bem como a ocorrência de mutações ou conservações dos modelos ativos. Por esse motivo, os textos observados no cotidiano e os coletados da mídia acerca da pandemia foram fundamentais para o desenvolvimento dessa reflexão.

O que aconteceu com o sistema da cultura nesse período é chamado pelos semioticistas russos de explosão semiótica. Esse não é o foco desse artigo⁸, mas é necessário ressaltar que, para Lotman (1999), a explosão semiótica se caracteriza pelo processo em que o sentido tensiona a previsibilidade e irrompe numa criação que não estava previamente determinada, podendo acontecer em diferentes ritmos de temporalidades e levando consigo a noção de transgressão possível, de comportamento atípico. Não se faz necessário justificar que esse movimento explosivo ficou evidente durante o espalhamento do SARS-CoV-2 pelo mundo e que ocorreu em uma curta temporalidade causando diversos momentos de intradutibilidade. Muitas imagens ainda precisam ser processadas semioticamente, principalmente as relativas ao corpo morto, retratado, por exemplo, em textos que exibiam covas coletivas em cemitérios para receber os cadáveres da covid-19 e a terra sobre eles era despejada com retroescavadeiras⁹. Ou cadáveres envoltos em sacos plásticos pretos espalhados pelo chão de salas de hospitais, câmeras frigoríficas e até na rua. Ou parentes e amigos impedidos de se despedirem da vítima em velórios e acompanhamento dos enterros. Deve-se citar, ainda, a dureza dos corpos entubados em UTIs como um devir morte. Uma tradução possível desse cenário é de uma explosão semiótica em relação aos rituais fúnebres. Entre os textos de difícil tradução estão, também, os do presidente do Brasil sem máscara, tocando em pessoas indiscriminadamente

⁷ Nessa obra o sobrenome Uspenskii está registrado com dois ‘i’ e sem acento.

⁸ A temática da explosão semiótica na pandemia já foi explorada anteriormente em Rosário (2020).

⁹ Por exemplo: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/21/interna_nacional,1140740/manaus-abre-valas-comuns-para-enterrar-vitimas-do-coronavirus.shtml

sem higienizar as mãos, afirmando que não se vacinará, recomendando remédios que não têm efeito para combater o vírus, entre tantos outros impropérios que vão contra as práticas políticas de dirigentes de nações e, brutalmente, contra as políticas da vida, uma vez que estimula que outras pessoas a *incorporem* esse mesmo tipo de texto.

O que permite identificar as rupturas de sentidos e as explosões semióticas são modelos e padrões que permitem a compreensão de manifestações e expressões culturais, e que a SC chama de sistemas modelizantes¹⁰. Eles são os responsáveis pela organização da linguagem em cada cultura e deles podemos depreender os códigos que regem a comunicação. O código não apenas carrega os padrões e regras de comunicação, mas concentra as modificações da linguagem; é capaz de organizar as informações e, devido a sua alternância, Jakobson (1971) o entende como um sistema de probabilidades. Foi possível perceber com extrema propriedade, nesse período de pandemia, a necessidade de alterações rápidas dos códigos culturais em função da deformação da realidade vivida e, nesse contexto, os sistemas modelizantes entraram em agitação e em crise, buscaram adequação aos novos tempos e a fuga da morte.

Evidentemente, precisamos considerar que códigos de saúde de períodos anteriores foram recuperados – e , graças a isso, o enfrentamento da doença começou logo. Contudo, a grande maioria das pessoas do planeta não tinha convivido com as novas prescrições e foi necessário assimilar e ajustar seus corpos aos novos modelos. Fomos afetados drasticamente em todas as instâncias – de maneira bem diferente dos demais seres vivos, o que merece séria reflexão.

Se, por um lado, a linguagem busca estabilidade por meio de nexos e normas que vão sendo convencionalizadas, estabelecendo tanto previsibilidades como regularidades para os textos produzidos, por outro lado, as dinâmicas culturais e necessidades de atualização dos sistemas tornam essa estabilidade impermanente – sendo assim, a linguagem está sempre sujeita à instabilidade conforme coloca Jakobson (1971). A pandemia trouxe alto grau de instabilidade aos sistemas semióticos, exigindo auto renovação, desvio dos padrões, recodificação, remodelação e mutações bruscas e inesperadas.

¹⁰ A SC define dois tipos de sistemas modelizantes: os de primeiro grau e os de segundo grau. Nos interessa, nesse momento, os sistemas modelizantes de segundo grau que se situam no âmbito da cultura e são entendidos como “sistemas constituídos por elemento e por regras combinatórias no sentido de criar estruturalidades que se define assim como uma fonte ou um modelo. [...] A luz dos sistemas modelizantes secundários a semiótica torna-se uma disciplina para o estudo não dos signos, mas das linguagens[...]”. (MACHADO, 2003, p. 167).

Essa fragilidade nas comunicabilidades levou, por exemplo, a que muitas pessoas, no início da pandemia, fizessem estoque de papel higiênico, a ponto de o produto rarear no supermercado. Esse fato chega à beira do cômico, mas aconteceu porque circulou a informação de que um dos sintomas de contaminação pelo SARS-CoV-2 era a diarreia. Devido as tantas imprevisibilidades que se apresentaram e se apresentam, as rupturas de sentidos e mutações nas comunicabilidades do corpo foram atípicas, excepcionais e incontáveis, criando caos, dificuldade de interpretação, resistência à mudança e, portanto, rearranjos nos sistemas de signos. Um dos rearranjos que afetou potencialmente os corpos e que levou a certa resistência tem relação com as interações presenciais. O distanciamento social, a interdição ao toque e à proximidade atingiu de forma cruel o corpo abalado pelo medo da morte e vulnerabilizado pela necessidade de vínculo, de afeto e de segurança. Os códigos de separação de corpos, entre outros, vetaram o toque – dar as mãos, abraçar, beijar, acarinhar e falar a curta distância –, com isso provocaram desorganização em formas de afeto bastante consolidadas pelos sistemas modelizantes do corpo. Codificações que tinham por meta evitar o contágio e salvar vidas, também alimentaram outros sentidos: perigo, possibilidade de morte, separação, individuação. A relutância à *incorporação* desses e de outros códigos levou a que fossem realizadas diversas festas clandestinas burlando políticas de preservação da vida e apontando os sentidos de (pseudo)invencibilidade frente a morte. Esse mau exemplo permite perceber que os textos culturais colocam em disputa os usos dos códigos e a produção de sentidos, tensionam as semioses por meio das inconstâncias, irregularidades e imprevisibilidades.

Uspenskii (In LOTMAN, USPENSKII, IVANOV, 1981, p.87) defende que o código “unifica o *socius* ao criar entre seus membros as condições duma comunicação (...). Por outro lado, organiza a própria informação, determinando uma seleção de factos significativos assim como o estabelecimento de um nexos preciso entre eles”. Em constante atualização, há nele uma série de hierarquias, ordenadas em correlação com os movimentos da cultura e, por consequência, dos sistemas semióticos. É preciso levar em conta, além disso, que ele não se configura da mesma forma na dimensão do emissor e na dimensão do receptor porque ambos precisariam ter a mesma compreensão das regras, experiências muito similares, referências análogas de linguagens e dimensões de memória parecidas. Lotman (1999, 2000) entende, portanto, que esse conceito supõe a história e a existência de uma memória (LOTMAN, 1999, 2000), indicando que deve ser entendido também na relação com o eixo diacrônico e com a dinamicidade cultural. Nessa perspectiva, por um lado, se pode entender melhor a recuperação

de códigos e textos de outras epidemias, pandemias e surtos de acordo com os princípios da ciência. Por outro lado, é possível compreender as dificuldades de tradução, usos e incorporação dos códigos por aqueles que não tinham a vivência dessas regras e normas, mas é preciso considerar também aqueles que se opuseram por estratégia política. Essa anarquia que ocorreu nos sistemas semióticos se materializou nos corpos e as intradutibilidades geram ansiedade, insegurança e caos.

A tradução, então, adquire muita relevância no processo comunicacional. Em momentos de alteração dos sistemas de signos, ela também precisa ser atualizada e, assim, está em constante interrelação com o ambiente e assujeitada aos movimentos da semiosfera¹¹. Os problemas de tradução tendem a ser maiores quanto mais estão em vigor rupturas de sentidos e mutações nos sistemas modelizantes, tal como ocorreu nesse tempo de pandemia. Ainda que os sujeitos comunicantes buscassem descobrir indicativos sobre quais códigos estão associados a determinadas mensagens e como deveriam processar a decodificação, a alta densidade de informatividade criou dificuldades e confusão. Como adverte Lotman (1999; 2000a), a mente humana está programada para extrair determinadas suposições do curso geral das coisas, mas não está preparada para a casualidade, a qual interrompe a cadeia de causas e efeitos a que o sistema semiótico (e a mente) está acostumado. Nesse período, experimentamos vigorosamente o rompimento das cadeias significantes, as consequentes dificuldades de tradução e, até mesmo, intradutibilidades que andavam de mãos dadas com as disputas de sentidos e as lutas de forças políticas.

3 – DAS ESPACIALIDADES ÀS TATILIDADES

Para melhor entender comunicações corporais mais específicas considera-se os “feixes de traços distintivos” (JAKOBSON, 1971¹²; LOTMAN, 1999) que compõem os textos. Os traços distintivos¹³ permitem distinguir significações por se diferenciarem dos demais traços e, assim, se constituírem em indicadores de sentidos que, na associação com outros elementos,

¹¹ O conceito de semiosfera pode ser definido como a dimensão (espaço temporal) abstrata em que se manifestam e desenvolvem a semiose e a comunicação, evidenciando o que é próprio da significação. Lotman, em carta para Uspênski, afirma que é impossível separar o humano da linguagem, dos signos, dos símbolos que conformam um espaço (a semiosfera) fora do qual a semiose é impossível.

¹² Jakobson desenvolveu a noção de traços distintivos a partir do estudo do fonema, ampliando seus usos e singularizando as características do seu pensamento semiótico.

¹³ Machado (2003) afirma que a noção de *traço* na SC assume relevância porque oferece uma alternativa à noção de totalidade e, assim, diferentes sistemas semióticos podem ser estudados.

vão compondo as materialidades observáveis, os textos. Essa noção é entendida, na relação com a linguagem do corpo, como conjuntos de elementos compositivos das estruturalidades que permitem a organização dos significados desse sistema. Entende-se que os principais feixes de traços distintivos que fomentam a linguagem não verbal do corpo podem ser sistematizados por: traços étnicos, traços de gênero, traços físicos individuais, gestos, posturas, expressões faciais, espacialidades, tatilidades, olfatividades, gustatividades e, por fim, vestimenta, adereços e maquiagem. Nem todos esses aspectos serão explorados nesse artigo e nem todas as observações feitas serão trazidas ao debate, apenas aqueles e aquelas que se apresentaram com mais intensidade num olhar semiótico comunicacional e motivaram reflexões sobre as rupturas dos códigos e ressignificação dos textos culturais.

Uma irregularidade que se destacou durante a pandemia foi o uso dos espaços pelos corpos e sua relação com os demais seres vivos e com os objetos. No período de covid-19 desterritorializações drásticas ocorreram, a começar pelo vírus que saiu da China e ocupou o planeta. Todavia, o domicílio preocupante do SARS-CoV-2 se tornou o corpo humano, um lugar de reterritorialização já que as hipóteses defendem que o vírus se transferiu do organismo de um animal.

As espacialidades são fundamentais para a comunicação humana, variando de cultura para cultura, mas essencial para a interação e, por conseguinte, para a sobrevivência da espécie. Em tempos de pandemia, as territorialidades do corpo humano foram drasticamente diminuídas pelos limites fronteiriços impostos, independentemente de a pessoa ser portadora ou não do vírus. Corpos que podiam transitar por todos (ou quase todos) os países, estados e cidades do planeta precisaram rever as espacialidades e ficar dentro de suas fronteiras nacionais e, o que é pior, dentro dos limites de suas casas e, muitas vezes, isolados em seus quartos – quando tinham essa possibilidade. A interdição do trânsito no território, não apenas notabilizou o contraste do espaço disponível nas residências em relação ao número de corpos que as habitam, como também evidenciou a desigualdade de espaço individual no que diz respeito aos transportes públicos e privados.

O entendimento da ocupação do espaço, bem como o estabelecimento de fronteiras¹⁴ têm importância na constituição de sentidos para os grupos culturais, sobretudo, a partir das

¹⁴ A noção de fronteira se mostra com mais expressividade na SC quando o conceito de semiosfera é desenvolvido por Lotman. A fronteira é entendida como um espaço ambivalente, que, por meio de uma membrana filtro, coloca em correlação o dentro e o fora. É importante observar que a noção de fronteira separando o espaço interno do

oposições “dentro e fora” (pertencente e não pertencente, cultural e não-cultural, passível de tradutibilidade e de intradutibilidade). Os códigos de territorialidades que emergiram durante a pandemia são justificados pela preservação da vida, a não contaminação e, por isso, foram autorizados a alterar drasticamente as territorialidades dos corpos. Nessa via, é importante observar que esses códigos se configuraram (ou se resguardaram) em biopolíticas¹⁵ (Foucault, 2008) que contaram com a submissão do corpo atravessado pelo medo da morte. O próprio Foucault (1988) desenvolveu reflexões consistentes acerca da docilização dos corpos pela disciplina e pelo controle. Escreveu sobre a peste no final do século 17 e sobre a lepra fazendo ver como os corpos foram manejados por reclusão no território e por contenção territorial, , respectivamente. Ambas as experiências foram vividas na pandemia de covid-19 e manifestadas/expressadas em textos corporais de diferentes modos. Preciado (2020) vai além e entende que, nesse cenário, nossos corpos se transformam em espaços potentes de biopoder e nossas casas se tornam células de biovigilância. Tal perspectiva auxilia a compreender que a ocupação do espaço pela cultura tem forte relação com a manifestação de políticas *sobre os e dos corpos*.

Na interação presencial, quando necessária, os códigos delimitavam o distanciamento entre 1,5 e 2 metros, interditando o toque e impondo uma “bolha” que buscava fazer o indivíduo escapar do contágio. Não se pode deixar de apontar, também, a interdição dos espaços de afetos que foram drasticamente atrofiados pelo afastamento de familiares, namorados, vizinhos e amigos cuja única alternativa foi comunicar-se pelo modo remoto. Foi assim que o território da internet se intensificou vigorosamente tanto como forma de consumo, trabalho, produção de conteúdos, entretenimento, quanto forma de afeto. Dentro desse território os corpos se deslocam velozmente, são enquadrados, na maior parte do tempo, pelas “cabeças cortadas”, ou seja, por planos fechados que só mostram até a altura dos ombros. O que se evidenciou nesse espaço também foi a desigualdade de acesso, de qualidade de aparelhos e de domínio da tecnologia. A realidade das aulas remotas não só reenquadrou os corpos de professores e

espaço externo da semiosfera é apenas sua primeira distinção. Na verdade, todo o espaço da semiosfera é transpassado por fronteiras de diferentes níveis, fronteiras de diferentes linguagens.

¹⁵ Suscintamente o termo biopolítica se refere a manifestação de tecnologias de segurança que visam o controle social, bem como modificar aspectos biológicos da espécie. Foi usado pela primeira vez do livro História da Sexualidade I, indicado nas referências e, posteriormente, desenvolvido em obras como “Em defesa da sociedade”, “Segurança, território e população” indicada nas referências e “O Nascimento da biopolítica”.

alunos, mas os tensionou no desempenho midiático e mostrou assimetrias entre classes sociais, escolas públicas e privadas, temporalidades.

Por fim, é necessário observar que os códigos pandêmicos de espacialidades foram tensionados de muitas formas – por ignorância, desconhecimento, ingenuidade, mediocridade¹⁶ e criatividade. Destaca-se aqui a inventividade para ressignificar o afeto e o toque por meio do “kit abraço”¹⁷ e da “capa do abraço seguro”¹⁸, um apetrecho de plástico, que permite que pessoas se abracem envolvidas pelo plástico e sem tocarem a pele uma da outra.

Nos textos que envolvem a pandemia as espacialidades e as tatilidades estão em interrelação. Menos evidenciados nos processos comunicativos, os traços distintivos que envolvem as tatilidades têm sua expressividade realizada pelo maior órgão do corpo humano, a pele – e não apenas por mãos e lábios – e, como já se sabe, o toque pode ser experienciado em objetos, em outros seres vivos ou em qualquer das partes que recobrem o próprio físico. Observa-se que, mesmo antes da pandemia, as tatilidades sofrem um regramento bastante severo pelos sistemas modelizantes, tornando o toque, em grande parte das vezes, proibitivo ou contraindicado em público, sobretudo entre pessoas que não têm intimidade. É provável que isso ocorra porque o sistema modelizante do corpo correlaciona as tatilidades à intimidade e prevê semioses da ordem da sexualidade, mas também da familiaridade, do carinho, da agressividade (através de um soco, por exemplo), da raiva e do ódio. Em tempos de SARS-CoV-2 tocar se tornou potencialmente fatal. Os gestos de abraços e beijos foram vedados e, como é de praxe, a falta leva ao aumento da demanda e do desejo. A interdição do toque em outro ser humano, entretanto, desencadeia “deficiência” afetiva e sentimento de solidão, podendo ser um acionador de quadros de depressão.

Judith Butler (2020) vai em outra direção, escreveu um texto sobre como a covid-19 evidenciou os sentidos contidos nas relações dos corpos com os objetos, com “as superfícies do mundo” nas palavras da autora. As questões concernentes ao toque emergem com força nessa abordagem, já que, costumeiramente, não nos damos conta de que deixamos nossos

¹⁶ Ainda que seja muito estimulante falar dos textos culturais medíocres e sorrateiros que circularam durante a pandemia, sobretudo no âmbito político, esse tema já foi parcialmente abordado por mim e perderia a originalidade (ROSÁRIO, 2020, 2021).

¹⁷ https://cultura.uol.com.br/noticias/11616_professora-do-rio-de-janeiro-cria-kit-abraco-para-matar-a-saudade-dos-alunos.html

¹⁸ <https://oglobo.globo.com/brasil/canadense-cria-capa-para-dar-abraco-seguro-na-mae-na-pandemia-1-24433036>

traços em tudo que tocamos e, em tempos de pandemia, isso afeta a próxima pessoa que pousar alguma parte de seu corpo na mesma superfície. É possível inferir que os objetos mediam vínculos de tatilidade entre as pessoas e, ao mesmo tempo, oferecem os traços do vírus – sempre invisíveis. Dessa forma, os textos culturais de consumo de bens, como ir ao mercado, precisaram ser recodificados, pela higienização das mãos e dos carrinhos, distanciamento nas filas do caixa, limitação de número de clientes na loja, uso de máscara, até mesmo impressão automática do ticket de estacionamento. Butler (2020, s/p.) nos faz lembrar que o “[...] objeto carrega o traço de humanos que nós não conhecemos; o objeto conecta pessoas de modos invisíveis, às vezes indecifráveis; logo, pessoas são interconectadas e não apenas indivíduos isolados”. No pedido de tele-entrega fica mais evidente que os traços do vírus e os traços do outro estão presentes e em interrelação, se materializam no produto entregue, no cartão de crédito ou no dinheiro. No entanto, é o trabalhador (que leva o pedido) o mais vulnerável, já que não tem condições de se proteger da mesma maneira que os demais e não para de circular e tocar as superfícies do mundo. Essa realidade se estende ao transporte público e a outros locais públicos sobre os quais temos pouco controle e com os quais muitos trabalhadores precisam conviver diariamente.

Nesse intenso regramento das corporalidades, os cuidados de si precisaram ser aumentados e novos rituais em vivências pandêmicas foram absorvidos. Além da observação dos sintomas de covid-19, que se confundiam com gripes e viroses, os corpos passavam por uma higienização completa assim que chegavam da rua (lugares públicos): os sapatos eram retirados fora da porta e limpos ou deixados em quarentena; as roupas retiradas, lavadas ou deixadas em quarentena; o banho completo era necessário antes de se aproximar e tocar os familiares. Ao mesmo tempo, os corpos se dedicavam a lavar as mãos por mais tempo e com mais frequência, o álcool gel passou a ser levado a todos os lugares – da mesma forma que os documentos de identidade. Os protocolos, todavia, foram além: lavar todos os objetos comprados, ou passar neles álcool 70, higienizar a parte da casa onde eles estiveram – tudo isso, preferencialmente, usando máscara. É preciso dizer que, em alguns casos, esses rituais se tornaram obsessivos.

Sobre esses cuidados, todavia, é preciso lembrar que a medicalização dos corpos pelo estímulo ao uso da cloroquina – remédio sem eficácia alguma para a covid-19 – acionou estratégia do biopoder para, na verdade, instaurar a necropolítica (MBEMBE, 2018). A intensidade de comunicações controversas sobre esse medicamento, a dificuldade de acesso e

compreensão das posições científicas e a energia empregada pelos enunciadores do discurso favorável ao uso – principalmente Bolsonaro – dificultaram as traduções e tornaram os corpos vulneráveis.

Mantidas as proporções, a mesma manipulação foi feita em relação ao desaconselhamento do uso de máscaras faciais. Textos corporais de Bolsonaro – que defendeu a retirada da obrigatoriedade da sua utilização¹⁹ - mostraram, em diversas ocasiões, não só o presidente sem máscara e sem distanciamento social, como também a sua inabilidade para o uso e colocação desse utensílio. Fracasso reproduzidos por muitos: máscara abaixo do nariz, pendurada em uma orelha, sobre os olhos, até o não uso por completo. A máscara comunica não só o cuidado de si, como também o cuidado do outro, uma vez que tem função de evitar o contágio formando uma barreira física para as gotículas que se espalham pelo ar provenientes da tosse, do espirro e das conversas. Ela foi responsável por uma ressignificação dos rostos, limitando a comunicabilidade feita por meio das expressões faciais – que são tão intensas na interação humana – e limitando as possibilidades de construção de sentidos, apenas os olhos e a testa ficaram responsáveis pela expressão da face. No entanto, as máscaras de pano acrescentaram traços distintivos na combinação com as cores e estampas das roupas, com a sofisticação de brilhos, inserção de emblemas de time de futebol, entre outros – a eficácia delas para o não contágio é outra discussão.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto importante que se quer defender a partir da reflexão aqui apresentada é que textos corporais são uma manifestação política, isto é, todas as vezes que nos expressamos estamos produzindo ou reproduzindo políticas do corpo. Assim, é possível concordar com Preciado (2020) que afirma não existir política que não seja política de corpos, e acrescentar que não existe manifestação de corpos que não seja política. Eis a importância do conhecimento e da capacidade de modelizar a cultura e de compreender os seus processos de comunicabilidade – que sempre passam pelo corpo. No âmbito da pandemia, segundo Preciado, o vírus funcionaria como uma estratégia política e a tarefa das ações políticas seria a de fabricar corpos. As codificações mais firmes e a rigidez com que os sistemas modelizantes se

¹⁹ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4945614-bolsonaro-minimiza-pandemia-e-quer-fim-da-obrigatoriedade-de-mascaras.html>

impuseram permitiram que ficassem mais evidentes as políticas ligadas a governamentalidade, ou seja, os modos pelos quais os mecanismos da biopolítica operam sobre os corpos.

Os textos semióticos observados permitem delinear uma possível semiosfera da pandemia que tem em seu relevo o vírus, a ciência, os governos, a comunicação, mas também o corpo humano. Observar as comunicabilidades desse corpo, considerando suas linguagens, códigos e semioses, possibilita apreender as políticas circulantes e os significados da própria pandemia. Esta mostrou, por exemplo, que os corpos que tiveram que permanecer nas suas atividades profissionais, e foram essenciais nesse período, – como os trabalhadores da saúde, de tele entrega, entre outros – são vulneráveis e, ao que parece, facilmente substituíveis. Em contrapartida, exibiu corpos que importam, corpos protegidos (até certo ponto) por planos de saúde, privilegiados por não precisarem circular em locais públicos e com espaço físico para o distanciamento social. O período de covid-19 também exibiu a proliferação de cadáveres e o tratamento desrespeitoso aos mortos de acordo com os rituais fúnebres do mundo contemporâneo. Evidenciou a dependência que temos do mundo neoliberal (que mesmo balançado pelo vírus, resistiu firmemente) atrelado ao consumo, ao desemprego e à desimportância da vida que não é produtiva. Ao se configurar em estado de exceção, a pandemia se constituiu num ambiente potencial para as necropolíticas, o corpo mais vulnerável ao vírus ou infectado por ele, afinal, é um corpo desamparado que, na probabilidade da morte, perde a sua capacidade de produtividade, tornando-se um corpo descartável, no qual não interessa fazer investimento.

Outro ponto que se pretende defender é que as biopolíticas se constituem em correlação com os sistemas modelizantes da cultura e são manifestadas por meio de textos corporais. Nessa via, o projeto de preservação da vida vem acompanhado por estratégias de controle e de docilização, mas também por efeitos de sentidos que se desdobram em efeitos simbólicos, de continuidade, de tensionamentos e de rupturas.

Ao evidenciar as lacunas das biopolíticas, o contexto da pandemia ofereceu algumas possibilidades de reflexão, como examinar com mais atenção as ações do Estado na implementação de políticas para os corpos, problematizar sua eficácia, reivindicar o atendimento de todos/as sem hierarquizações. Nessa perspectiva, é relevante, também, questionar o quanto o comprometimento e a responsabilidade pela preservação da vida podem ser colocados exclusivamente sobre o corpo do indivíduo – estratégia de biopoder que perpassou quase todos os países.

A pandemia também tensionou aspectos que não são tocados pelas biopolíticas, tais como os afetos, o sentido da existência, a vida. Por essa via, a vontade de potência (FOUCAULT, 1988) dos corpos pode se manifestar e criar estratégias ativas contra as tentativas de subordinação e docilização, buscando a inventividade. Entre as tantas manifestações de vontade de potência do corpo – ainda que possam ser consideradas de pouca intensidade – observou-se a constituição de territórios de criação e resistência em: shows de música em varandas ou telhados para apreciação dos vizinhos; *lives* gratuitas de cantores famosos; abraços “plastificados” que permitem um toque aceitável na preservação da vida; aplausos da equipe de saúdes aos doentes recuperados quando saem do hospital; auxílio a vizinhos idosos fazendo as compras no supermercado; coletivos de apoio para levar informações e conhecimentos sobre o vírus; arrecadação e distribuição de itens de higiene pessoal para pessoas vulneráveis.

É evidente que o corpo se desterritorializou drasticamente nesse período de dois anos totalmente inesperado e que parece estar se encaminhando para o seu final. Muitos estranhamentos, intradutibilidades, novidades – e, em alguns casos, criações – foram experienciados. Todos/as puderam olhar para o rosto da morte e produzir semioses para ela. Resta refletir sobre os movimentos de inflexão da semiosfera da pandemia, ou seja, o esgotamento das tantas mutações que se apresentaram e as possibilidades de retomada de padrões e regramentos anteriores, em detrimento da exclusão de determinados códigos e textos. Pode-se aceitar que diversos novos textos que nos atravessaram nesse tempo buscaram não apenas preservar a vida produtiva, mas fazer valer a existência. Eles nem sempre se apresentaram com intensidade, nem mostraram a potência que desejaríamos, mas, esses sim, deveriam ser incorporados à semiosfera do planeta e assimilados pelos corpos.

Referências

- BUTTLER, J. **Traços humanos nas superfícies do mundo**. Texto page. Edições n-1, 2020. Disponível em: <https://www.n-ledicoes.org/textos/75>. Acessado em 20/11/2021.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

JAKOBSON, Roman. **Linguística é comunicação**. São Paulo: Cutrix, 1971

LOTMAN, Y.; USPENSKII, Boris; IVANÓV, V. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizontes, 1981.

LOTMANN, Y. **Cultura y explosión**. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.

LOTMAN, Y. **Universe of the mind**: a semiotic theory of culture. Indiana: Indiana University Press, 2000.

LOTMANN, Y. Sobre el concepto contemporâneo de texto. **Entretextos**. n.2, nov. Granada, 2003. Disponível em: <http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos.htm>, acessado em: dez/2021.

MACHADO, I. 2003. **Escola de Semiótica**. São Paulo, Atelier Editorial, 2003

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. Biopoder soberania estado de exceção política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, P.B. **Aprendendo do vírus**. Texto page. Edições n-1, 2020. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/>. Acessado em 20/11/2021.

ROSÁRIO, Nísia Martins. Explosões semióticas na pandemia de covid-19. In: Angélica Vier Munhoz; Cristiano Bedin da Costa; Sergio Andrés Lulkin. (Org.). **Porque esperamos**: notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus. 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 2020, p. 76-82.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. A morte na pandemia: simulação, apagamento e dessacralização midiática de cadáveres eletrônicos. In: Fabrício Silveira, Nísia Martins do Rosário - organizadores.. (Org.). **Corpo, comunicação e espaço**: arranjos performativos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 117-132